

COL. SILVA VIEIRA



ASTRONOMIA
METEOROLOGIA E
CHRONOLOGIA
POPULARES

5

municipal
ventura



SIV-5



Coleção Silva Vieira

Astronomia,
Meteorologia e
Chronologia
populares

por
J. Maria Azevedo de Brito

Espresso de
1890

Novidades Fol-kloricas

REVISTA DO BIRHO, para o estudo das tradições populares

1.º anno—Preço 600 reis.—2.º anno (9 n.ºs) 225 reis.—3.º anno (14 n.ºs) 350 reis.—4.º anno (12 n.ºs) 300 reis.—5.º anno (22 n.ºs) 460 reis.—6.º anno (18 n.ºs) 500 reis.—7.º anno em publicação.

Ramalhe de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende. Preço avulso 60 reis

Bibliotheca Folk-lorica Portugueza, 1 volume publicado **Materiaes para a historia das tradições populares do Concelho d'Espozende**. Avulso 200 reis.

Collecção Silva Vieira.—1.º vol. **As Brotas**, por Soeiro de Brito.—2.º vol. **Linguagem Infanti**, por Soeiro de Brito.—3.º vol. **Poesia Popular Alemtejana**, por Soeiro de Brito.—4.º vol. **Folk-lore e dialectologia de Espozende** (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—5.º vol. **Astronomia e Meteorologia popular alemtejana**, original de Soeiro de Brito.—6.º vol. **A Opala**, por M. M.—7.º **O Presbyterio de Villacova**, por J. Leite de Vasconcellos.—8.º **No préto: Tradições Malatas**, por Candido Augusto Landolt.—9.º **A entrar no préto: A Demosophia**, por Joaquim Maria Soeiro de Brito.—10.º Em preparação: **Setecentas comparações populares alemtejanas**, por Antonio Thomaz Pires.

Cada serie de 10 n.ºs por assignatura custa 600 reis. Avulso 15200 reis, sendo o pagamento para qualquer d'estas publicações feito adeantadamente. Pedidos ao seu director—José da Silva Vieira—Espozende.

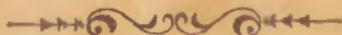
14720

Collecção Silva Vieira

ASTRONOMIA,
Meteorologia e Chrono-
logia populares

por

J. Maria Soeiro de Brito



ESPOZENDE
1890

C. M.
ESPOSENDE
BIBLIOTECA
N. 725

*Ao meu excellente amigo, com-
mendador Eusebio Nunes*

off.

O A.

Astronomia

I

O povo alemtejano, principalmente os camponezes, e d'estes ainda mais particularmente os *ganadé'ros* (*), tem os seus conhecimentos astronomicos, os quaes encontram parallelo entre outros povos, e cuja origem me não pertence agora averiguar.

A athmosphera ou abóbada celeste é o *astro* e crê-se que toda a multidão de estrellas, o sol e a lua fazem a sua revolução

(*) Palavra hespanhola geralmente adoptada no Alemtejo.

diurna em torno da terra fixa, da qual não se fórma uma idéa muito nitida: é um vastissimo plano sobre cujos limites assentam os alicerces do ceu; por debaixo d'ella não se pensa mesmo o que haverá—quicá o inferno.

O sol é acatado como origem de luz, de calor, de vida. Podem *arrematar-se* (**) todos os seres; por fórma alguma o sol.

Vê-se bem 'nesta reverencia a origem mythologica.

Do mesmo modo o fogo, que é bento, para o qual se não deve cuspir, &.^a

Pelo que respeita á lua a coisa é outra. Dependente de nós, nossa cortezã, brincâmos com ella e temos-lhe a estima que se professa a um molosso fiel.

Não deixamos de sentir sempre o receio que produzem os dentes do molosso.

Assim não se deve a gente

(**) *Arrematar*: praguejar, amaldiçoar, invectivar com palavras injuriosas ou obscenas, mas especialmente—
«que o leve o diabo!

demorar parado ao luar, porque *faz mal*. Conjura-se entretanto esse perigo apostrophando-a:

O' lua, minha madrinha,
Naõ faças *male* a mim
Nem a coisa minha!

E' grande a influencia da lua sobre as *creaturas* (pessoas), *principalmente* creanças. Por isso todos soffrem ou mais ou menos nos *quartos* (phases), e mais ainda se estão combalidos.

Diz-se que a lu é uma cara.

A benção da lua cura a molestia; assim como a de sol extirpa o mal produzido por este astro.

Os eclipses (sol *clis*) são prognosticos de calamidades publicas.

Diz-se por pulha:

—Queres ver o *sol clis*?

Põe um olho em cada *nalga* (nadega), e verás onde te fica o nariz!

Das estrellas conhecemos em

primeiro logar a do norte (polar), perto da qual está a *Barca* (ursa maior) a que na Provença chamam *Carro das Almas*. Pela posição da *Barca* sabe qualquer camponez, por mais tacanbo, as horas que são em dado momento; e usa dizer-se a seguinte quadra que provavelmente tem a sua historia que desconheço:

Já o set'-estrêllo (e tambem *cé d'-
estrêllo*) váe em pino,
E a barca vae tombada,
E as cabras de seiscentos diabos
Naõ querem tomar malhada.

Em Elvas diz-se:

O set'estrêllo vae em pino
E a lua já vae tombada;
As ovelhas de meu amo
Naõ querem tomar malhada.

A's estrêllas cadentes diz-se
o seguinte:

Deus te guie, Deus te guje
Deus te torne a guiar (*)

(*) O e italico mostra que se naõ

Deus *te* ponha no te' logar.

Sem saberem da probabilidade que Arago calcula entre milhares de cruzamentos annuos, do encontro d'esses meteoros, ou melhor, qualquer corpo celeste com a nossa terra, não somos isentos, de um certo receio de que o encontro abraze o mundo; e tanto mais que existe a crença biblica de que o mundo acabará pela acção do fogo.

Caminhando para o sul nota-se no *astro* (ceu) o *Set'-estrello* (Pleyades), o qual com Orion e a Canicula teem a seguinte historia:

O *cabré'ro* (Syrius ou Canicula) conduz as *cabras* (Pleyades) para o bardo (curral); e para facilitar a conducção, á maneira dos mortaes d'egual officio aventa-lhe (atira-lhe) com o *cache'ro* (Orion), que mais tarde vae apanhar.

faz a contração por causa do metro.

Te po faz uma syllaba metrica.
t'pónha.

Os pastores provençães usam outra versão:

Joaõ de Milaõ (Syrius), os tres Reis (Orion) e os *Pintaínhos* (Pleyades) foram convidados para um casamento de umas estrêllas suas conhecidas. Os pintaínhos partiram primeiro, os tres Reis foram por um atalho e o Joaõ de Milaõ, que se levantou tarde, zangado, atirou com o bastão aos madrugadores.

Todavia, apesar d'estes conhecimentos sideraes, *naõ é bom* contar as estrêllas; porque quantas se contam tantas *berrugas* nascem nos *peis* ou nas mãos.

Ver as estrêllas ao meio dia é privilegio de quem soffre uma dôr intensa e aguda.

Conhecemos tambem a estrada de Santhiago (Via lactea) que a *Historia do Emparador Carlos Magno e dos doze pares de França* nos diz ser o signal miraculoso com que aquelle Apostolo indicou ao imperador o caminho do seu tumulo em Compostella, em posse dos mouros.

Atrae-nos o brilho da estrêl-

la *d'alva* (Venus) a que tambem se chama estrêlla da tarde, e estrêlla do *pôr do ar de dia*, por se dar esta denominação ao crepusculo vespertino. Tambem lhe chamam a *Estrella Brilhante*.

Quando alguem, costumado a *erguer-se* tarde diz—A'manhã hê-de-me levantar cêdo—, Responde-se por ironia:

—Com a estrêlla com que o boi *mósca*; isto é, com sol, que dá vigôr ás moscas para picarem o boi.

Todas estas denominações colhi eu no Vimieiro, districto d'Evora.

Em Elvas conhece-se mais as duas *pescade'ras* ou *empescade'ras* que são as duas mais luzentes da constelação *Aguia*.

A *Cruz do Cadaval* são quatro estrellas em rhombo no *Delphim* ou *Golphinho*.

Lembra bem o sr. Victorino de Almada, amator tambem dos estudos populares, que será corpção de *Claraval*.

Talvez, tenha tambem sua lenda.

Na bôca do pôvo andam estes versos que demonstram a veneração em que é tida:

Olha para a Cruz do Cadaval
Que nunca te acharás mal.
ou
Que nunca te acontecerá mal.

O *Cachê'ro* (Orion) é chamado em Elvas o *Quêjado*.

A *Camponeza* é uma estrêlla brilhante que surge de les-nordeste. Provavelmente assim lhe chamam em Elvas por vir do lado do Campo Maior, pois denominam *componezas* aos naturaes d'aquella villa. Como está perto da ursa maior, julgo que será Arcturo.

No veraõ no mez de S. Thiago (Julho) vê-se a *pino* (no zenith) um pouco para noroeste: os *dois Bois*; atras d'elles vão os *Dois Ladrões*, que os furtaram, e apoz estes o *Lavrador*, e a *Lavradora* conduzindo uma *filhinha*. Penso que é a *Ursa Maior*.

As *Trez Marias* tambem naõ

pude descobrir quaes sejam.

Ha ainda as *duas irmanas* e as *duas irmanitas* que não sei quaes sejam. Não serão reminiscencias mythologicas de Castor e Potux?

Muitas outras estrellas são conhecidas por nomes, e servem principalmente para se saber em qualquer momento que horas são. Entre estas tornam-se notaveis as *Boieiras* que brilham provavelmente na Cassiopea, ou Cephêue e o *Quêjado Pequeno* que não sei onde é.

As *estréllas de rabo* felizmente apparecem poucas vezes, porque são sempre prenuncio de guerras e desastres; assim como não é nada bom apresentar-se o *astro* (ceu) *encarnado* ao pôr do sol. E' prenuncio de guerras e outras calamidades. As *barras* (celagens) encarnadas ao pôr do sol tambem indicam calor no verão, frio no inverno; as negras prognosticam chuva.

Meteorologia

II

Não te fies em ceu estrellado
Nem em c... mal avezado.

Lua nova trovejada
Trinta dias é molhada,
Se aos tres não é estiada.

Luar de janê'ro
Não tem pracê'ro;
Mas lá virá o d'agosto
Que lhe dará pelo rosto.

Trovões em janê'ro
Nem bom prado
Nem bom palhê'ro.

Estes e outros prognosticos andam communmente na boca do povo a proposito de qualquer facto.

O luar d'agosto faz crescer os pepinos.

Os trovões diz-se ás creanças que saõ a voz de Deus a ralar. Não sei, porem, se os adultos se atreveraõ a dizer que não é assim.

Os *relampagos* atterrorisam, mas não fazem mal. Quem os vê pode estar certo de que não morre d'aquella *coisa*.

E' tal o medo do raio que os mais timoratos nem o nome lhe pronunciam: saõ *coisas que caem*.

Ha raios e centelhas. Estas ultimas saõ mais pequenas e menos perigosas.

A pedra de raio é uma preciosidade que poucos, podendo, deixam de ter debaixo da cama; porque, *onde está um, não cáe outro*. Encontram-se por acaso ao revolver das terras pela lavoura. Quando caem afundam-se pela terra dentro sete braças, e depois cada anno sobem uma bra-

ça, de modo a estarem á superficie do solo no fim do setimo anno.

Estes objectos, que eu tenho visto, são utensis da edade de pedra e alguns talvez *selennites* ou aerolithos.

Pessoa fulminada, sem que morra, diz-se que foi *assombrada*.

Pouco conhecidas as auroras polares são tambem causa de susto.

Chover agoa a cantaros é chover muito. *Uma bátega* ou pancada d'agua, as chuvas fortes não successivas; *gravanadas* são agua-ceiros.

Tespestade agua e vento.

Anno em que chove muito é anno de grande *inverna* (contractão de *invernada*).

Chover pouco, *nuvrinha*.

Chuva meuda, *molha-parvos*.

Se chove em dia 2 de Fevereiro ou não, diz-se:

Se a candêa (Dia de N.^a Sr.^a
das Candêas) chora,
Está o inverno fóra;
Se a candêa rir,

Está o inverno por vir.

Esta quadra diz-se com manhosa pronuncia hespanhola, o que mostra que foi importada.

«Quem quizer ver mal a Portugal
«Dê-lhe tres chêas antes do Natal

referem os meus patricios
que dizem os hespanhóes.

A primeira quinta feira antes da quaresma chama-se de comadres e a anterior de compadres. Entre as pulhas que se entre dirigem chamam-se mijões se chove no seu dia.

Na Borda d'Agua (Riba-Tejo) dizem que, quantos nevoeiros ha em agosto, tantas cheias haverá no inverno immediato.

Se chove em Domingo de Ramos diz-se:

Ramos molhados
Ramos melhorados.

Como prognosticos, posto que mais se referem á agricultura, temos mais:

Jane'ro, jane'ro
Vae áquelle outê'ro.
Se vires verdegar
Põe-te a chorar;
Se vires terrejar
Põe-te a cantar.

Quer isto dizer que as grandes chuvas só devem vir depois de janeiro, e assim o confirmam os segunintes.

Fevrê'ro
Afogou a mãe no rebê'ro.

Fevrê'ro quente
Traz o démo no ventre.

Março quer-se ventoso e dizem:

Já o março
Dá ao rabo
e
Março pardo e ventoso
Faz o anno formoso.

Sendo conveniente que chova pouco diz-se:

Agua em março
quanta o gato molhe o rabo.

Tambem se usa os seguintes:

Se a Paschoa é a assoalhar
E' o Natal atraz do lar;
Se a Paschoa é atraz do lar
E' o natal a assoalhar.

Abril
Agoas mil
Coadas por um *pandil* (mandil).

E' bom apanhar-se a primeira chuva de maio, porque faz a gente bonita.

O que é preciso é no 1.º dia comer alguma coisa de noite para não *deixar entrar o maio*, pela madrugada, o que é perigoso, As *gravanadas* (aguaceiros) de maio são celebres.

Maio pardo
Enche o sacco.

Guarda pão para maio
E lenha para abril
E o melhor tiçãõ

Para o mez de S. Joaõ.

Agua no mez de S. Joaõ
Tira azeite, vinho e não dá paõ.

As aguas (chuva) verdadê'ras
P'lo S. Matheus (21 de setem-
bro) sã' nas primê'ras.

Se a lua apparece com *circo*
ou circ'lo (hallo) chove.

Ha sol que rega e chuva que
sécca! é ditado usual.

Por troça diz-se: Pingam as
beiras é signal de chuva,
e:

Deixe chover que Deus dará
pão
e ainda:

Deixe chover que assim fazem
os de Evora Monte. Quando cho-
ve, deixam chover.

O inverno ou verão avalia-se,
não pela temperatura, mas pela
chuva que cae.

Assim é frequente, quando
chove muito na estação calmo-
sa, dizer-se:

E *antaõ* (então) parece enver-

no.

Por isso aos dias serenos, que nos fins de outubro ou principios de novembro seguem nos nossos climas as primeiras chuvas, se chama o *Veranito de S. Martinho*.

E apesar de uzar dizer-se:

Dos *Santos* ao Natal
E' inverno natural,

aos dias descubertos que apparecem no principio de dezembro chama-se *Veranito de Santa Luzia*.

O que se não faz em dia de
St.^a Luzia
Faz-se no outro dia,

é ditado referente ao assumpto que se pode protrahir.

Os dias diminuem até este dia (13 de dezembro), e estão *em ser* (equilibrados, do mesmo tamanho) desde ahí até ao Natal, que *pegam* logo a crescer, porque

Depois qu'o Menino nasceu

Tudo cresceu!

A rosa dos ventos populares é muito limitada:

Conhece-se aqui o vento norte, que verdadeiramente são dois: Norte alto (N.) e Norte baixo ou sómente Norte (NO, e O).

O vento norte também se chama *Serrenho*, *Sarrenho* e *Sarrano* por vir das serras.

Quando às tardes, principalmente nos dias calmosos, sopra a brisa, diz-se que—*rompeu a maré*—.

O vento que ronda de N por nord'este até sud'este é o *Suão* qu'êi o o mais frio d'enverno e o mà's quente de v'raõ.

Sópra ainda um vento do *Pégo* que é o vento da chuva, da inverna, e vem do sul até sudoeste.

Em Elvas diz-se, em o vento soprando de sudoeste, que é *tramocêiro* (estremocense) por vir de *Estramores* (Estremoz). Este vento é filha da p.; da banda d'elle chove sempre. No Vimieiro diz-se d'este vento que é das adê-

gas d'Evora.

Não ha nada comó vento norte (O). Por mais frio que seja nuuca faz mal. E depois aventa c'as travoadas, que costumam andar contra o vento, p'ra casa de seiscentos diabos (ou de De's verdadê'ro) Naõ ha quem o espere!

Mas

Se naõ houvesse vento
Naõ havia má' tempo.

A respeito do vento suão que sopra aqui de Hespanha costuma dizer-se que

De Hespanha
Nem bom vento,
Nem bom casamento.

Por isso se lhe chama tambem Vento hespanhol.

O vento brando é *aragem*.

Conhece-se a palavra *furacão*, que tambem se diz uma *rabana-da* de vento. e pé de vento.

Aos redemoinhos chama-se *pu-ginhos*, e naõ se presenceam sem

que se diga: Ai! Jásus, credo! ou outra phrase piedosa.

A razão é porque os *puginhos* são demonios que habitam no ar.

A coisa foi assim:

Quando Deus interveio na lucta mais que homérica das legiões de S. Miguel com os espiritos revoltados, os diabos vencidos, foram precipitados do ceu e trez dias choveram diabos.

Quando Deus disse: *Ahi estárá!* cessou de chover diabos e os que já estavam no inferno lá ficaram a arder por *onia secula secolórum*; os que estavam na terra cá ficaram para *atentarem* a gente de todos os modos; e finalmente os que estavam no ar, porque vinham a cair, ahí ficaram—São os *puginhos*. Não fazem muito mal, mas sempre é bom benzer-se a gente.

Ao vento subtil e frio chama-se tambem *Brabê'ro*, porque faz a barba a gente.

Quando ha vendaval grande, diz-se que anda o démo á solta ou que morreu algum escrivão.

Quando os gatos brincam muito diz-se que é signal de vento.

Tambem se diz por chança quando alguem espirra:

Temos bom tempo, porque espirram os bódes.

No dia de S. Bert'lameu (24 d'agosto) diz-se que o diabo tem permissão por uma hora para andar á solta. E quasi sempre ha vento 'nesse dia.

As *nuves* são sacos que o vento leva para o mar e de lá traz cheios d'agoa. A prova é terem-se visto sahir do mar quando vistas de logares altos.

Quando depois de annuviado o *astro* as nuvens se rompem e deixam ver o azul, diz-se que este é *ceu velho*. O ceu annuviado, de côr plumbea ou cobreada em tempo calmoso, fórma o que se chama *emechornado* (do hespanhol *bichorno*). E' quasi sempre indicio de *travoada*. Este mesmo estado no inverno, acompanhado de vento frio, chama-se *Caramelê'ro* e *Escaneve*.

As nuvens acastelladas (*cumulus*) são signal de *travoada*.

As nuvens pardas e grossas (nimbus) prognosticam chuva, e diz-se que o ceu está muito *carregado*.

Por chança conta-se este conto:

Chegou um preto a um *monte* em dia de *travoada*. A lavradora, muito medrosa, perguntou-lhe:

—Então vem p'r'ahi muito negro?

—Ná'! (nada) venho só eu.

—Nan dig' isso. Vem p'r'ahi muit'agua?

—Ná'! trago só aqui 'ma pinga na cabaca.

Nan dig'isso. Se vem muito carregado?

—Nà'!. Trago só estes alforghinhos.

E' tambem indicio de chuva as *cordas d'agua* que se võem ao longe e o *Arco da Velha*. Quando apparece este, diz-se:

Arco da velha de tarde

Naõ vem cá de balde.

As nuvens que parecem pe-

dras de calçada (cirrhus) indicam chuva, neve, vento e ás vezes tudo isto.

Céo pedrento
Ou chuva, ou vento.

Ceo empedrado
Terreno molhado.

Quando ha trovoada e o horisonte está limpo não são medonhas, porque não teem pé; e quem não tem pé não póde dar couce.

Aos stratos finalmente dá-se o nome de *barras*.

Quando cantam as *arrans* é signal d'agua (chuva).

A saraiva chama-se *pedrisco* ou chuva de pedra. A neve é pouco conhecida, mas apparece.

A geada no tempo proprio é conveniente. De abril em diante quêma as pastagens e dá cabo das *arv'es*.

A agua que no sólo ou em vasilhas géla por dias frios chama-se *caramélo*.

O sol de outubro, quente,

chama-se de amadura marmellosos.

Quando está calor diz-se sempre que está calma.

Quando faz *geada* diz-se que está a *Velha* a *peneirar*.

Quando está o sol muito quente costuma-se chamar-lhe *luar*.

E nos dias quentes egualmente se diz que a *Velha* está a enfornar, e deve ter bôa fornada.

Esta *velha* será a personificação da natureza ou serão resaios mythologicos? Ignoro.

O sol empanado com uma gaze diaphana de nuvens é sol amarello, signal de mudança de tempo, *travoada*, e diz-se que o sol está amarello, que tem sezões.

Quando o sol está encuberto diz-se que é sol de lobos.

Uma restea de sol que rompe a custo as nuvens chama-se uma *lumbrada*, uma *restea* e uma *luzerna*.

Quando principalmente no verão fazem *relampados* (relampagos) sem nuvens ou com poucas, diz-se que é *brabêza* do tempo,

e não ha medo. Prognostico de
que o calor augmenta ou pelo
menos continúa na mesma.

Chronologia

III

Dia é o espaço de tempo illuminado pelo sol.

Nôte o tempo em que se está privado da luz d'aquelle astro

A semana tem sete dias. A cada um corresponde a seguinte invocação:

Domingo—dia do Senhor

Segunda feira—dia das Almas

Terça feira—de Santo Antonio

Quarta feira—da Snr.^a do Carmo

Quinta feira—do SS.^{mo} Sacramen-
to

Sexta feira—do Snr. dos Passos

Sabado—de Nossa Senhora

Os mezes teem os seguintes
nomes:

Janê'ro
Fevrê'ro
Marco
Abril
Maio
Mez do S. Joaõ
Mez do S. Thyago
Mez de St.^a Maria e Agosto
Setembro e mez do S. Miguel
Mez de S. Francisco
Mez dos Santos
e Mez do Natal,

Teem trinta e trinta e um
dias excepto fevereiro, que tem
28. (e 29 quando bissexto).

Anno bissexto
Ou bem bom ou bem travesso.

Para de repente saber quan-
tos dias tem um certo mez faz-
se a contagem d'este modo:

Fecha-se uma das mãos e con-
tam-se as *nozes* dos dedos (arti-
culações das phalanges com o
metacarpo), e no osso do dedo

maminho conta-se janeiro, no intervallo fevereiro, no dedo anelar março, no intervallo abril e assim por diante.

Os mezes que calham nos nós teem 31 dias os que ajustam nos intervallos, excepto fevereiro, teem 30.

O anno civil começa em 1 de janeiro e acaba em 31 de Dezembro, dia de S. Silvestre. Meio anno é um semestre.

O anno para rendas e pagamentos é de agosto a agosto.

O anno para pagar soldadas a creados é de S. Miguel a S. Miguel (29 de septeembro).

Diz-se até:

Quem se *concerta* pelo S. Miguel
Não se senta cada vez que quer.

Concertar significa ajustar-se o anno com o creado para o serviço por uma certa soldada.

Ha curiosas denominações para os animaes d'um anno de idade. Assim os borregos são *annacos* os bezeros são *annojos*, &c.^a

De quem morre diz-se que fez trinta annos.

O animal que nasce em janeiro chama-se janê'rinho; em março, marçalino; em agosto, agostinho.

Em maio canta o cuco, e o que o ouve pela primeira vez deve espovar-se no chão para que não lhe succeda mal.

Tambem o cuco serve para se consultar á cerca do estado futuro de cada um.

Para isso basta ir ao campo e gritar:

Cuco, maranheiro,
Quantos annos estarei solteiro?

Quantas vezes o cuco em seguida canta, tantos são os annos que ha a esperar.

E' conhecida a era vulgar e nomea-se por aquella mesma palavra.

A's vezes discute-se quem é mais velho entre diversos, e um mais doutor diz: que é o que tem *menos annos*. Ao silencio semi-incredulo dos ignorantes responde triumphantemente:

—Na era!

Quando se falla em idade de pessoas, e se diz que tem 24, accrescenta-se logo—e um ferrugento.

Não sei o motivo.

Quando uma coisa é muito velha diz-se:

—E' mais velho que o azeite e vinagre ou do que a serra d'Ossa.

Mas os velhos não gostando que lh'o chamem dizem:

—Velhos são trapos, ou velhas são as estradas.

Temos tambem phrase correspondente á *ad calendas grecas*: é—quando as gallinhas tiverem dentes, ou dia de S. Nunca á tarde, ou para a semana dos nove dias.

Não se conhece a palavra *epacta*, mas sabe-se muito bem a correspondencia dos mezes lunares com os civis.

Um sugeito completamente analphabeto conheci eu, que, ao perguntar-se-lhe quando cahiria a paschoa em tal anno, fazia um

calculo mental d'alguns minutos e respondia certo.

Como fazia isso não sei, nem já posso verificá-lo, porque morreu. Ha, porém, viva muita gente que o conheceu.

O que todos sabem muito bem é que os dias de festas não moveis caem 'num anno em dia da semana posterior áquella em que cahiu no anno antecedente.

As folhinhas e reportorios são muito consultados por causa dos *quartos* da lua porque é 'nestas epochas que a lua, mais influencia tem no tempo e nos corpos. Por isso se devem fazer em certos *quartos* de preferencia certas operações agricolas e tomar certas precauções e medicamentos.

Em Elvas chama-se *luada* a doença produzida pela lua, principalmente ás crianças.

Sobre festas ha muitos ditados, alem dos já descriptos.

Assim de quem governa em certo logar, associação, &.^a, diz-se que *é quem dá os dias santos*.

Dia de S. Sebastião,

Laranja na mão.

Significa que a 20 de janeiro se começavam os tiroteios com laranjas nos divertimentos do carnaval.

Em fevereiro diz-se:

O 1.º jejuarás, o 2.º guardarás, o 3.º dia de S. Braz.

De S. Braz diz-se:

S. Braz de Montoito.

Para accudir a um afogou oito.

Ditado topico aplicado por brincadeira a quem toce ou se engasga.

Ao entrudo tambem se chama o Santo Entrudo.

Naõ ha entrudo sem lua-nova, nem Paschoa sem lua-cheia.

Por brincadeira tambem se diz quando alguem faz alguma tolice:

Valha-te S. Borumbum

Que m... azeite

E c... atum.

—Valha-te a Snr.^a d'A'grella
Que não ha Santa como ella.
e
Snr.^a d'Atalaya
Tem o manto maior que a saia.

Conhecem-se no Alentejo os
solsticios e equinocios, posto que
se lhe não dê nome.

A respeito do solsticio do
inverno ha:

Depois que o Menino nasceu
Tudo cresceu.

Sobre o equinocio da prima-
vera temos:

21 de março
Uga (*) a nô'te c'o dia
E o trigo c'o saragaço.

Indica ser nas searas a erva
tanta como o trigo, que precisa
por isso ser mondado. Deve por
tanto ter já vindo a maior abun-
dancia de chuvas.

(*) Eguala. O verbo é *ugar*, d'a-
hi *ugal* (igual).

Indicativo de que as noites
vão crescendo é este:

Palhas ao palheiro
Meninas ao candeeiro

para indicar que ao recolher das
palhas das eiras já se deve fazer
serão.

Como disse, não sei como
pessoas analphabetas calculam
as festas moveis; o que é certo é
saber-se muito bem que a pas-
choa é depois da lua cheia de
março, porque se diz:

Não ha entrudo sem lua nova
Nem paschoa sem lua cheia.

As coisas que se quer que
cresçam devem fazer-se em quar-
to crescente; as contrarias em
quarto mingoante.

As festas fixas mais notaveis
são:

Circumcisão
Reis
Candeias
Encarnação
S. João
S. Pedro

N.ª Snr.ª d'agosto ou St.ª Maria d'agosto.

Santos

Conceição.

Natal

Alem das antigas, hoje dispensadas ou abolidas, que persistem em grande devoção taes como: S. Sebastião, S. José, S. Joaquim, S. Thiago, S. Miguel, S. Francisco, S. André e S. Thomé.

Entre mim e ti, Thomé

Trez dias é.

disse Christo ao santo incredulo.

De St.º André (29 de novembro) diz-se que é coixo e por isso não pode acompanhar os outros (dia 1.º) e só chega no fim.

Dia de Santo Estevaõ é notavel por se fazer a ferra do gado. Caõ ferrado 'neste dia não se damna.

As festas moveis saõ:

Amigos (4.ª quinta-feira antes do entrudo),

Amigas (a seguinte),

Compadres (a immediata),
Domingo magro (8 dias antes
do gordo)
Comadres (5.^a feira que segue),
Domingo gordo,
Entrudo,
Sarração da velha,
Ramos,
Semana Santa e Paschoa,
Paschoela,
Domingo do bom pastor,
Ascensão,
Espirito Santo,
Trindade,
Corpo de Deus,
Coração de Jesus.

No domingo da Trindade ben-
ziam-se os gados, que os lavra-
dores faziam passar enfeitados
pela porta da freguezia, onde es-
tava o prior de pluvial e hyssope.
Creio que esse uso acabou de to-
do.

Pela Ascensão havia a procis-
são das *Ladainhas* para pedir a
Deus a prosperidade das colhei-
tas.

No dia 3 de maio (Santa Cruz)
começam as sextas e as meren-

das. que terminam na outra Santa Cruz (14 de seplembro). Costumam os creados dizer para os amos:

—Ora senhó' meu amo, amanhã (ou tal dia) nascem duas meninas!... (séstas e merendas).

Em seplembro recordam os lavradores:

Nã' sabes? A'manhã morrem as duas meninas!...

As epochas mais notaveis que tenho ouvido citar são:

Principio do mundo,
Deluvio;
Quando nos' Senhor andava
pelo mundo,
O tempo dos mouros,
D. Affonso Henriques,
Marquez de Pombal e
Pelo tarramoto (1755)
Pelos Francezes,
Pela Constituição,
Pela Patuleia.

Conhece-se a palavra *data*, e applica-se.

Eis o que pude recolher á-cerca d'estas tres sciencias.

Que o leitor desculpe a pouca ordem d'estes trabalhos, que não quiz preterir mais, como tentativa que alguem completará.

Fim

Bibliot
Manuel